

ISABEL SABINO

N. Lisboa, 1955.
Lic. Artes Plásticas/Pintura (ESBAL, 1978); agreg./equip. dout (ESBAL 1992); agreg. univ (UL, 1999).
Docente no ensino sec. 1976-1982 c/ estágio em 1979.
Docente conv. ESTCinema/IPL 2002-2003. Docente na ESBAL/ Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa desde 1982, actualmente Prof. Catedrática.
Membro correspondente da Academia Nacional de Belas Artes.

Exposições desde 1977 (selecção recente):

Individuais - *E os pássaros cantam* (2009, G. Arte Periférica, Lisboa); *Logo se vê* (2007, G. Arte Periférica); *À sombra das oliveiras* (2004, G. Novo Século, Lisboa); *Infravermelhos* (2003, Museu Jorge Vieira; Beja); *Tell me lies* (2002, G. Novo Século); *O Dilúvio, ao vivo, em directo e em diferido*, (2001, G. Enes, Lisboa); *As jóias de Madalena* (2000, Gal. Municipal, Montemor-o-Novo); *Pintura*, (1997, G. Enes, Lisboa); *Lúcia não venhas tarde* (1996, Museu da Água, Lisboa); *Prendas, Gifts & Regalos* (1993, G. Arcada, Estoril); *A Brincadeira* (1992, Casa Bocage, Setúbal); *Luzes*, (1990, G. Monumental, Lisboa); *Desenho e Objectos*, G. Arcada, Estoril; *História Inquieta* (1989, Gal. Ana Isabel, Lisboa); *Viagem*, (1985, SNBA, Lisboa).

Colectivas mais recentes ArteLisboa (2007 a 2010), Arte e Natureza (Jardim Botânico, Reservatório da Patriarcal e FBAUL, 2009) e D'Aprés Nuno Gonçalves (Museu Nacional de Arte Antiga, 2010/2011).

Alguns **textos**: *Surfin: a pintura contemporânea, entre a melancolia e o triunfo* (Arte e Melancolia, FCSH Univ. Nova de Lisboa, 2011); *Rosas em Janeiro: Algumas Notas sobre Arte Política e Colectivismo* (Trajectos, ISCTE, 2010); *Uma (In)certa Natureza* (Arte e Natureza, FBAUL, 2009); *O Homem que queria ser um artista* (ArteTeoria, FBAUL, 2006), *A Pintura Depois da Pintura* (FBAUL, 2000); para breve: *As flores na nossa mesa* (a propósito da política na arte), de 2010 (Assirio & Alvim) e *CO LABORARE: algumas reflexões sobre a expansão do conceito de autor*, de 2006 (na Transforma).

Mais informação em <http://www.isabelsabino.com/index.html> e <http://umbrapicturae.blogspot.com/>



arteperiférica
GALERIA

Centro Cultural de Belém, Loja 3, 1449-003 Lisboa
Tel.: 213 617 100 Fax: 213 617 101
ap@arteperiferica.pt www.arteperiferica.pt
Todos os dias das 10h às 20h

“Cuidado com as flores, pá”, 2011, técn. mista de acrílicos s/ tela, 130x160 cm



Capa: Fiquel sem sinal, 2011 (fragmento in progress), 130cmx160cm, Técn. mista de acrílicos s/ tela | Fotografia: Estudos RS

arteperiférica
GALERIA

ISABEL SABINO
SÃO ROSAS, MEU
8 de Junho a 13 de Julho de 2011



“A ventoinha está a fazer um barulho esquisito ”, 2011, técn. mista de acrílicos s/ tela, 130x160 cm

São rosas, meu

Agora, a matéria perde densidade e o muro parece dissipar-se numa névoa de diferentes texturas. O espaço unifica-se, para que o olhar corre no entrelaçado das frases visuais. Como nas óperas incompletas a tecer debates entre personagens que escutam o eco da imagem e outros que precisam da solidez da geometria para preservar o esqueleto das ideias, o quadro é apenas uma aparição de uma história em aberto, cujas cores, nem sempre *alla prima*, trocam as voltas aos títulos. Tudo pode acontecer, saltos, avanços, regressos. Estou-me nas tintas, penso como posso a cada momento: das caixas de imagens (ou de chocolates) à síntese hipotética, a enormidade e a voracidade dos mundos tornam raras a pureza das formas e das ideias, contaminação inevitável.

Aqui, neste laboratório de ecos, é impossível o cristal.

A paisagem não é, pois, de sítio nenhum. Só existe aqui e, como não cabe em cada quadro, continua de uns para os outros, sem moldura possível que não a do próprio corpo que cresce para além da pele, na narrativa profunda da sua inexplicável mutação. A periferia torna-se o centro e não existe dentro e fora, embora se possa inventar sempre a esperança de lugares aprazíveis, belos quartos protegidos ou paraísos, destinos de sonho afinal como aquelas bonecas eslavas que vão saindo umas das outras até se chegar à última, um coto do tamanho de uma impressão digital. O mapa cerrou-se à volta de tudo.

Mas haja, por exemplo, um jardim.

Com luz artificial e ventoinhas, plantas e flores, árvores de grande porte e pequenos arbustos, ervas de cheiro, mas também legumes, frutos comestíveis, lugares para guardar alfaia e telhados para um sono aconchegado, é um lugar perfeito, onde nada está no seu lugar – como se inúmeras mãos estivessem lá a trocar as coisas e os seus nomes, as rosas por pão ou cereais em vez disso.

Ou seria ao contrário, na lenda?

Debaixo das folhas das árvores que voam e tombam amarelas e verdes ou violetas, o chão foge para o coração das paredes e estas incham, incapazes de guardar tantas memórias impossíveis, desfazendo-se como papéis na água. Borrões elevam-se das paletas, como vinhetas de banda desenhada. Redentoras, dão vontade de rir, sem sabermos porquê.

Agora, só falta voltar a inventar as pessoas para fingirmos que este mundo foi feito para elas.

Portanto, já que tem que haver alguém, então que surja um **ele**, numa imagem com erros de transmissão, micro néons a piscar, e diga assim qualquer coisa como:

- Vai ser preciso mandar arranjar o telhado e tapar as fendas, dar uma demão de tinta.

O limoeiro este ano está maluco, também não admira com o que choveu, há limões até a cair no terreno do vizinho. E apareceram flores espantosas no meio das favas e das couves dos quintais, na *net* diz que são fungos mas parece que há um vírus novo que cria erros e este talvez seja um deles, senão vai ser preciso arrancar tudo.

De resto, não percebo o que se passa, mas é preciso cuidado com as flores.

Só que não há tempo agora, a ventoinha está a fazer um barulho esquisito, há que ver se. Voltar a ligar os cabos e substituir as lâmpadas fundidas. Arranjar folha de ouro para as molduras dos espelhos.

Vidros para a estufa. Anti-fungos para as rosas.

No chão que abafa os passos aparece **ela**, de repente, entre a folhagem, pronta a espingardar saliva no *speed* da fala:

- Quais rosas, meu?

Nesta altura, retiramos o som à personagem e ela fica pequena de novo, na orla do arvoredo. Figura pintada, tinta a fazer-se e a desfazer-se, não importa, toca-se, sente-se nos dedos: olhos no quadro *all-over*, como diversamente souberam Pollock e Poussin e repete, agora, o papagaio do vizinho.

De novo, quais rosas?

Silêncio.

Fiquei sem sinal, disse.

Isabel Sabino, 16 de Maio de 2011



“É preciso mandar arranjar o telhado”, 2010-2011, técn. mista de acrílicos s/ tela, 160x100 cm



“O limoeiro este ano está maluco”, 2010- 2011, técn. mista de acrílicos s/ tela, 160x100 cm



“Há uma bicha enorme para os gelados”, 2011, técn. mista de acrílicos s/ tela, 160x100 cm